

The image is a promotional illustration for the Overwatch 2 expansion 'Lost Ghosts'. In the foreground, the character Ghost is shown from the chest up, wearing his signature blue and white tactical gear with a white hood. He has a serious expression and is looking slightly to the right. In the background, a city street is filled with thick, brown smoke and fire. A large explosion is visible in the upper center. In the distance, another character, Soldier: 76, is running away from the viewer towards the smoke. The overall color palette is dominated by oranges, yellows, and browns, creating a sense of chaos and destruction.

OVERWATCH 2

ASCENSÃO DE HERÓIS
**FANTASMAS
PERDIDOS**

UM CONTO DE MOHALE MASHIGO

HISTÓRIA
MOHALE MASHIGO

ILUSTRAÇÕES
BORG SINABAN

EDITORIAL
CHLOE FRABONI

PRODUÇÃO
BRIANNE MESSINA, AMBER PROUE-THIBODEAU

DESIGN
JESSICA RODRIGUEZ

CONSULTORIA DE HISTÓRIA
MADI BUCKINGHAM, IAN LANDA-BEAVERS

CONSULTORIA DA EQUIPE DO JOGO
**JEFF CHAMBERLAIN, GAVIN JURGENS-FYHRIE,
PETER C. LEE, MIRANDA MOYER, DION ROGERS**

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS
IAN LANDA-BEAVERS, MADDIY COOK

TRADUÇÃO
**THAYNÁ ALEXANDRE NASCIMENTO,
PRISCILA GANIKO, GABRIEL FERNANDES**





Com 14 anos e cheia de raiva, Fareeha cruzou os braços e desviou o olhar da holotela. Ana não falava com a filha há semanas e a ligação já tinha ficado tensa.

“Eu não quis soar tão dura, habibti”.

Fareeha não a olhava nos olhos. “Isso é o que eu quero fazer da minha vida. Eu tenho o direito de decidir”.

“Você pode encontrar um novo sonho, você é tão jovem”, suspirou Ana. “Por que você quer se juntar à Overwatch?”

Fareeha disse seus motivos, mas Ana não ouviu. Tudo o que ela queria era uma vida melhor para sua filha. Ana deveria ter simplesmente escutado, ou pelo menos prestado atenção no tom, na urgência na voz de Fareeha. Talvez assim ela tivesse percebido o desespero por uma conexão.

“A crise acabou”, interrompeu Ana. “Você não precisa lutar! Você pode ser o que quiser, eu fiz de tudo para que você pudesse ter escolhas”.

Fareeha levantou o tom enquanto trazia novos argumentos. Elas não se falaram novamente por mais dois meses, e Ana nunca mais ouviu sobre os sonhos de sua filha.

Ana olhou pela mira de seu rifle para a mulher lá embaixo, indefesa, cercada por robôs de guerra do Setor Nulo. O cabelo ruivo em um coque bagunçado e o terno azul-marinho indicavam que ela estava no meio de um dia de trabalho quando o ataque começou. Invasões, guerras, qualquer tipo de violência apenas interrompem sua vida e não se importam com o que vem depois. Os

***NUNCA HESITE E JAMAIS DESVIE O OLHAR.
ESSAS SÃO AS REGRAS DE GUERRA, VINDAS
DE UM TEMPO QUE PARECIA SER OUTRA VIDA.***

pensamentos vieram rapidamente, um após o outro. Por quanto tempo a Ruiva tinha sido forçada a se deslocar desesperadamente em busca de refúgio? Ela foi separada de sua família? Ela deixou um animal de estimação em casa, acreditando que era apenas mais um dia e que voltaria após o trabalho? Sua casa foi destruída, sua família desapareceu?

Jack insistiu para que eles se movessem pelas sombras e ocupassem espaços parcialmente destruídos. Eles estavam saindo de um desses prédios quando Ana avistou a Ruiva pela janela do quinto andar. Ela estava descalça nas ruas, com as mãos erguidas, um sinal de que não tinha intenção de fazer mal. Essa cena tinha se tornado muito familiar para Ana.

Será que algum dia haverá paz?, ela pensou, enquanto se encolhia em meio a vidros quebrados e neutralizava os robôs de guerra na rua. O som de tiros despertou a mulher ruiva de seu pânico e ela saiu às pressas, soltando um grito aterrorizado, como os que mantiveram Ana acordada da primeira vez que ela os ouviu numa zona de guerra.

Nunca hesite e jamais desvie o olhar. Essas são as regras de guerra, vindas de um tempo que parecia ser outra vida. Ana não desviou o olhar até a mulher desaparecer entre dois prédios, e Jack tocou em seu ombro.

“Ela está bem. Podemos ir agora”.

Ana sabia que Jack estava falando sobre a Ruiva, mas sua mente lembrou de Fareeha. Após um breve reencontro no Cairo, Ana ansiava por qualquer tipo de notícia positiva sobre sua filha.

E então, um lampejo de esperança. Eles passavam por um restaurante em ruínas quando viram. A eletricidade piscava, e ainda saía fumaça de alguns cômodos. Ana não estava prestando atenção no restaurante, e nem em Jack, ela estava muito concentrada em garantir que não fossem seguidos. Era outra regra antiga do treinamento básico: *proteja sua equipe a todo o custo.*

“Dá uma olhada nisso”, Jack grunhiu, conduzindo Ana através de uma grande rachadura na parede.

A fenda dava para uma cozinha abandonada, que contava a história de um café da manhã interrompido bruscamente: uma cartela de ovos virada, seu conteúdo derramado e seco há muito

tempo; uma espátula estranhamente resistente, equilibrada com perfeição em uma panela; mesas e bancadas com louças quebradas, espalhadas. Sobre o balcão, uma notícia passava no holovídeo: parecia ser Busan, embora o noticiário dissesse que a filmagem era de algum tempo atrás, no início do ataque. O repórter falava em coreano, mas a palavra *Overwatch* estava muito clara.

Rá! Ana conteve um sorriso ao ver o chapéu familiar de Cassidy passando pela cena. *Ele conseguiu*, ela pensou. *Ele seguiu minhas pistas*. Sua equipe de novos agentes estava lutando em perfeita sincronia ao lado das forças militares coreanas, repelindo um enxame de forças do Setor Nulo. As imagens do drone estavam tremidas e foram cortadas no momento em que uma mulher com um lançador de foguetes apareceu no canto esquerdo da tela.

Fareeha!

“Ela é boa. Você fez um bom trabalho”, disse Jack, colocando a mão no ombro de Ana. Em meio ao trabalho sombrio deles, ele raramente sorria, mas seu semblante caloroso era genuíno. Ele sabia o quanto isso significava para ela. Ana queria assistir novamente, ver sua filha em ação junto à equipe.

Equipe. Ela e Jack costumavam ter uma equipe, sabiam o que era trabalhar juntos, pensar como um só mas agir de forma independente, *confiar*. Algo parecido com a linha tênue entre a dança Tahtib e a arte marcial de luta com bastões da qual ela se originou. *Winston adorava esse tipo de sentimentalismo . . .*

Ana balançou a cabeça, fazendo uma careta quando sua nostalgia foi interrompida por um sentimento menos agradável: *arrependimento*. Alguém poderia confundir a missão em que ela e Jack se encontravam com heroísmo, mas Ana sabia que não era o caso. Ela havia sido a capitã, e Jack, o comandante de ataque da *Overwatch*. Em algum momento, eles se tornaram símbolos: seus rostos estavam estampados em cartazes de recrutamento, desenhos animados e eles recebiam muitas cartas de pessoas resgatadas pela agência. Eles protegeram a humanidade durante a Crise Ômnica e entregaram suas vidas à causa . . . mas isso não foi o suficiente. O mundo ainda estava destruído, ainda precisava de heróis. E tudo o que eles construíram desmoronou, quer esse fim tenha sido acelerado por suas próprias mãos, ou pela Talon, ou por alguém completamente diferente.

Agora eles lutavam onde podiam, faziam a diferença onde podiam, mas não era a *bondade* que os impulsionava. Jack era conduzido pela vingança, e Ana, pela compaixão por um velho amigo. Jack sentia que estava chegando mais perto de descobrir o que, ou quem, havia derrubado a *Overwatch*. Ana o ajudou a progredir: o novo informante com quem ele conversava parecia ter informações valiosas, e a fonte havia prometido algo ainda maior para provar a veracidade de

ERA COMO UMA PIADA: DOIS FANTASMAS ENTRAM EM UMA CIDADE ONDE AMBOS VIVERAM, E UM DELES MORREU. ANA NUNCA TEVE UM GRANDE SENSO DE HUMOR, MAS HAVIA ALGO SOMBRIAMENTE CÔMICO EM UM FANTASMA PERSEGUINDO O PASSADO.

suas informações. Foi isso que os trouxe de volta a Zurique, um lugar que nenhum deles via há muitos anos.

Era como uma piada: dois fantasmas entram em uma cidade onde ambos viveram, e um deles morreu. Ana nunca teve um grande senso de humor, mas havia algo sombriamente cômico em um fantasma perseguindo o passado. Ela havia trabalhado em Zurique por muitos anos, mas nunca considerou a cidade um lar. *Lar* sempre seria o Cairo, onde sua mãe, Fareeha, e Sam (até ele partir) esperavam pacientemente por seu retorno. E ela sempre voltava . . . até o dia em que Ana quebrou uma de suas próprias regras e hesitou. Ela foi derrubada na Polônia por uma franco-atiradora da Talon, Amélie, alguém que ela conhecia, confiava e que tentou salvar diversas vezes. A bala encontrou seu alvo, e Ana ficou em coma por anos, sob um nome desconhecido. Dada como morta, ela se foi como uma heroína honrada, felizmente poupada da queda da Overwatch.

Mas Jack não. Ele esteve lá até os últimos momentos. Até quando o sonho de Gabrielle Adawe de uma força de paz internacional se desfez em fumaça, junto com a sede suíça da Overwatch.

Fantasma perdidos, era assim que Jack os chamava, embora não fossem mais fantasmas. Cole, Fareeha e Gabe sabiam que ela não estava morta. *A Talon também deve estar ciente da minha ressurreição, o que explica porque eles nos perseguiram pelo Cairo, Istambul, Budapeste . . .*

A dupla caminhou em silêncio por um longo período até que finalmente Ana fez a pergunta que ela esperava que Jack já tivesse respondido. Ele estava sendo teimoso, mas essa era a natureza dele.

“O que . . . vamos fazer esta noite?” Ela engoliu em seco, pois podia dizer pelo rosto dele que estavam se encaminhando para uma situação desagradável. Uma só mente, corpos independentes.

“Segundo o nosso informante, a Talon vai eliminar alguém”.

Ana estreitou os olhos para ele. “Quem?”

“Não sei, mas estamos no caminho certo para conseguir a hora e o local”.

“Jack”. Ana parou de andar. Ele deu mais alguns passos e se virou. Ela também sabia ser teimosa. “Não posso ajudá-lo se você não me contar qual é o plano. Estou do *seu* lado, sabe”.

Jack carregava raiva e dor consigo. Às vezes, Ana sentia que era algo profundo demais para ser curado. Ela estava ao seu lado, mantendo-o vivo e focado, porque se importava profundamente com ele. Eram décadas de amizade, testemunhando os sacrifícios que cada um havia feito para construir um mundo melhor, mas também a alegria e o refúgio que a Overwatch representava para eles. O mundo conhecia a agência por seus heróis, mas Ana e Jack a conheciam pelas pegadinhas de escritório de Cassidy, pelo chá de bebê de Mirembé, pela comida da mãe de Singh, pelo humor seco de Vivian . . . Havia confiança, solidariedade e compreensão em tudo o que haviam passado juntos. Jack estava disposto a descobrir quem era responsável pela queda da Overwatch, a velha Overwatch, a que era *deles*. Era bom vê-lo tão determinado, mas a raiva faz com que até os melhores soldados se descuidem.

“Meu informante não me deu o nome. Deixou em algum lugar para eu encontrar”. Ele abriu a boca para continuar, mas Ana levantou a mão.

“Então estamos caminhando para uma emboscada”. Ela se sentou no que restava de um ponto de ônibus. “Eu não vou dar mais um passo até você me dizer para onde estamos indo”. Ana viu travessura nos olhos de Jack e teria dado um soco no braço dele, de brincadeira, se não fosse pela dor nos dedos.

“Vamos lá, Ana, cadê o seu otimismo?”

“Eu o enterrei há vinte anos, quando você me deixou comer aqueles kebabs duvidosos em Haiderabade”.

Ao menos isso arrancou meio sorriso dele.

“A informação é de alta prioridade, era arriscado transmiti-la online, por isso, foi deixada em um ponto de coleta”.

Ana apoiou a cabeça nas mãos. “Onde, Jack?”

“Você não vai gostar”.

Ele estava certo, ela não gostou. Jack estava agachado do lado de fora de um mausoléu, escaneando freneticamente as inscrições de várias câmaras funerárias onde, supostamente, estava

“VAMOS, JACK”, DISSE ANA, TENTANDO ENCONTRAR A ORIGEM DO SANGRAMENTO. “UM CEMITÉRIO NÃO É LUGAR PARA MORRER”

sepultada MARIA, AMADA MÃE, IRMÃ E GATEIRA, junto com o pen drive de dados criptografados do informante de Jack.

Ana estava encostada em uma gárgula no telhado de outra tumba mais atrás, no topo da encosta do cemitério, observando Jack através da sua mira telescópica.

Ana vasculhou o local com sua mira enquanto Jack corria como um homem muito mais jovem em direção a outro mausoléu. *Engraçado como ele fica feliz*, ela pensou. Jack estava tentando soltar uma tampa de mármore, a da Maria certa, quando Ana avistou um pequeno esquadrão do Setor Nulo marchando em direção à posição dele, vindo da rua acima. O instinto e a adrenalina entraram em ação, ela respirou fundo e segurou o ar. Ana neutralizou o robô de guerra que se aproximava da posição de Jack e depois acertou o robô ao lado, que procurava pelo atacante. Ela apertou o gatilho, mirando no terceiro robô de guerra, justo quando um quarto apareceu e abriu fogo contra ela.

Maldição. Ela deslizou pelo telhado inclinado da tumba, ouvindo um grito de dor em seu fone de ouvido. Ao olhar, viu Jack, ensanguentado, apoiando-se fracamente contra a parede de placas da cripta. Descuidado.

Ana neutralizou os outros dois robôs de guerra e abandonou sua posição para chegar até Jack. Quando finalmente o alcançou, ele ainda estava lutando para recuperar o fôlego, todo o seu corpo agitado por uma tosse intensa.

“Vamos, Jack”, disse Ana, tentando encontrar a origem do sangramento. “Um cemitério não é lugar para morrer”. Ana colocou uma mão ensanguentada sobre os lábios de Jack, enquanto seu coração batia como um tambor em seus ouvidos. Ela se concentrou no corte e nas bolhas de sangue que saíam do peito dele. Será que atingiram um pulmão? Ana não era estranha a cuidados médicos básicos, do tipo que todo militar era obrigado a aprender. Estancar o sangramento, manter a vítima acordada, aguardar a equipe de evacuação médica, ficar fora de vista se puder mover o ferido. Jack soltou um grito enquanto ela injetava nanobióticos na ferida. Ele não costumava

precisar de curativos, ele se curava mais rápido do que qualquer pessoa que ela conhecia, exceto Gabe. Provavelmente, era por isso que Jack sempre corria para o perigo: ele sabia que poderia se recuperar. Ana olhou para as cicatrizes no peito dele e se perguntou quanto tempo levaria para a ferida cicatrizar. Ela pressionou uma gaze sobre o machucado e manteve a mão ali.

A dupla sentou-se ao lado de Maria, em silêncio, pelo que pareceu uma hora. A respiração de Jack finalmente voltou ao normal. Ana tirou uma garrafa térmica da mochila e entregou para seu amigo. Ele a pegou, abriu a tampa e cheirou antes de dar um longo gole no chá que Ana insistia em carregar consigo.

“Chega de suspense. Qual é a informação pela qual você quase morreu?”

“Um endereço e horário”.

“E podemos confiar nas informações?”

“Nós confiamos na fonte até agora. Eu gostaria de ir até o fim, de impedir esse ataque”, disse Jack, tentando se levantar.

Ana ficou em pé e estendeu a mão. Jack estava segurando o lado esquerdo de seu corpo, que ainda estava dolorido. Ela queria dizer a ele para diminuir o ritmo, mas, em vez disso, fez uma pergunta. “O que você vai fazer quando tudo isso acabar?”

Jack pareceu triste. “Somos soldados, Ana. A guerra nunca acaba”.

Fareeha tinha 7 anos e sua voz tremia durante uma videochamada criptografada. “Vem pra casa. Tô com medo, mamãe”.

Querer fazer e efetivamente fazer, esse era o dilema de Ana.

Após semanas de ataques incessantes de ômnicos, às vezes surgia uma noite tranquila em que as máquinas pareciam estar se reagrupando. Eram aquelas noites tranquilas em que, se Ana fechasse os olhos, poderia fingir que eles eram só um bando de desajustados acampando juntos. Gabriel estava convencido de que a equipe de ataque havia se tornado imune à adrenalina, que as tais das noites tranquilas não eram tão tranquilas assim, já que estavam acostumados a um certo nível de combate.

“Vamos torcer para que não”, disse Reinhardt. “Nossa franco-atiradora precisa de adrenalina para se concentrar”.

Ana estava encolhida em uma barraca Ståltäcke que, naquela época, era apenas mais uma inovação que Torbjörn havia trazido consigo, algo que os engenheiros almejavam em Gotemburgo. Um abrigo compacto, ideal para viagens e resistente ao combate.

Jack estava fazendo flexões quando ela passou. A operação ainda estava em estágios iniciais. "Diga a Fareeha que já fiz 500 flexões".

Ana riu. "Crie vergonha e pare de mentir, Jack".

Fareeha não estava muito a fim de falar, então Ana contou a ela sobre as flexões de Jack. "Por que ele tá sempre fazendo flexões?", perguntou ela, disfarçando uma risadinha. Mas Ana pôde ver a felicidade de sua filha evaporar quando uma explosão aconteceu. Foi distante, a cerca de um quilômetro. Ana podia esconder ferimentos e manipular a luz em uma chamada de vídeo, mas os sons do combate eram difíceis de esconder. "O que foi isso?"

"Foi apenas uma explo . . .".

"São os ômnicos, mamãe? Eles vão pegar você?"

Ana poderia ter mentido, mas Fareeha teria percebido imediatamente.

Gabriel entrou correndo na barraca para informá-la de que ele cuidaria disso. "Estou saindo com uma equipe pequena. Fique aqui. Voltaremos em breve. Provavelmente são alguns retardatários que se perderam da colmeia".

Fareeha observava atentamente o rosto da mãe. "Quem era?"

"Era o Gabriel. Vamos ficar bem".

"Como você sabe?" A filha, esperta demais, fez a pergunta que ninguém queria responder.

"Eles fazem barulho muito antes de serem avistados, os ômnicos". O medo é uma grande estratégia. O medo traz a dúvida, e a dúvida transforma os humanos em alvos fáceis. Durante as primeiras noites de combate de Ana, ela não dormia. Os outros adormeciam facilmente, mas Ana precisava descobrir como acalmar o medo. Ela só achou a resposta depois de quase duas semanas.

"Fareeha, você ouviu outra explosão?"

Sua filha apenas encarou a tela, abraçando as pernas junto ao peito.

"O tempo entre as explosões é importante porque indica a quantidade de ômnicos e a que distância eles estão. Pelo menos foi assim que descobri os padrões de ataque ultimamente".

"Tipo um trovão?"

Ana sabia que ela entenderia.

"Sim".

Os ombros de Fareeha relaxaram um pouco, mas Ana podia perceber que ela estava prestes a fazer outra pergunta.

"Os ômnicos vão atacar aqui?"

Ana não se lembrava de como a chamada terminou, mas foi nesse momento que ela decidiu que Fareeha nunca mais sentiria medo daquela forma.

***SE SUA FILHA NÃO CONSEGUIA DORMIR,
ENTÃO ANA TAMBÉM NÃO DORMIRIA.
NÃO ATÉ QUE FAREEHA PUDESSE DORMIR
EM UM MUNDO EM PAZ.***

Gabriel ficou surpreso quando percebeu que Ana havia deixado a base para se juntar ao ataque noturno que ele estava liderando. Se sua filha não conseguia dormir, então Ana também não dormiria. Não até que Fareeha pudesse dormir em um mundo em paz.

O sol já havia se posto quando eles se aproximaram do destino. Agora eles estavam longe da cidade (e do túmulo que havia revelado os segredos), nas profundezas dos subúrbios onde a invasão do Setor Nulo ainda não havia chegado. Os cidadãos aqui ainda estavam sob ordem de ficar abrigados. *De uma emboscada para outra.*

Ana franziu a testa. “Não gosto disso. É uma área residencial, há muitos civis. Temos um plano?” Missões noturnas costumavam ser suas favoritas, mas ela não conseguia afastar a sensação de que Jack estava escondendo algo dela. Ela não gostava de entrar em uma operação sem um planejamento completo, mas Jack insistiu que estavam ficando sem tempo e que não podiam perder as horas necessárias para se reagrupar, descansar e criar estratégias.

“O mesmo de sempre: encontre um bom lugar para monitorar a situação”, disse Jack. “Vou investigar a parte de baixo, ver se encontro algum agente da Talon. Mantenha contato e me dê cobertura quando eu entrar”.

“Então temos metade de um plano. Vai ter que servir”, ela sussurrou enquanto colocava sua bolsa nas costas e começava a correr.

Uma casa elegante e moderna estava logo abaixo, aninhada em uma encosta arborizada. *Quem mora nesta casa?* Parecia um cubo de vidro, com uma luz acolhedora vindo de algumas salas iluminadas. Talvez fosse o instinto de franco-atiradora, mas Ana nunca moraria em uma casa assim. Ela aprendera há muito tempo que as janelas são apenas convites para inimigos.

Ela se esgueirou para uma propriedade abandonada a 40 metros da casa, onde poderia ficar escondida e ter uma visão melhor.

“Casa de vidro? Estou facilitando as coisas para você, mas serei rápida caso faça algo imprudente”. Jack riu pelo comunicador enquanto ela subia as escadas.

Respire. Concentre-se. Invasão do Setor Nulo, uma emboscada no cemitério e um ataque da Talon em um único dia? Talvez nada tenha mudado desde os velhos tempos.

Jack resmungou. “Ana, você está em posição? O que você vê?”

Uma mulher e uma criança, dormindo em frente a uma holotela na sala de estar. A mulher estava segurando a criança, que dormia em seu colo. Ana prendeu a respiração. *Concentre-se. Expire.* Uma tênue luz amarela vinha do quarto e da cozinha. Os outros dois cômodos que ela conseguia ver de sua posição estavam escuros.

“Jack, tem uma família lá”.

“Estou quase em posição. Onde?”

“Sala de estar”.

Antes que pudesse ativar sua mira térmica, ela notou soldados da Talon se movendo no quintal, facilmente detectáveis com seus lasers chamativos.

Nunca hesite e jamais desvie o olhar. Ana soltou o ar e continuou vasculhando a área com sua mira telescópica.

“Soldados às três horas, se aproximando. Estou te dando cobertura. Encontre uma maneira de entrar . . . rápido”.

Ela observou Jack se mover de sua posição, mas um segundo grupo de soldados já havia começado a interceptar.

“Há outro pequeno grupo à sua frente, seis soldados, a dez cliques”.

“Entendido”, disse ele. Um barulho fraco de tiros seguiu suas palavras.

Procurando freneticamente e contando quantos tiros Jack estava disparando, Ana tentou encontrá-lo perto da janela da cozinha e percebeu uma luz flutuando perto da orelha dele.

“Abaxe-se!”

Jack se abaixou e rolou para trás de um vaso de planta, e um soldado da Talon caiu a poucos metros de onde ele estava antes. *Armadura inútil.*

“Você é rápida, Ana”.

“Você ficou devagar. Eu cuido das suas costas. Cuidado com os que estão na frente”.

Dois silhuetas correram do sofá, uma delas em direção à Jack . . . *Não!*

Ana não queria revelar sua posição, mas não tinha escolha. Ela carregou seu rifle com balas de atordoamento e disparou, neutralizando metade do grupo. Os soldados restantes olharam na direção de onde os tiros haviam vindo. *Não estou segura aqui em cima. Preciso me mover.* Ana voltou sua atenção para a mulher na cozinha, que havia pegado uma arma, a criança agora

ausente do cômodo. Ana disparou outro tiro, desta vez, acertando uma taça de vinho no balcão. A mulher encontrou a posição de Ana com um olhar chocado de reconhecimento. O cabelo loiro e o rosto sério, era como reviver o passado.

"Mirembe", ela murmurou.

Não pode ser!

Ela estava mais velha, mas aquela silhueta e a maneira inabalável e firme como segurava o rifle? Era ela.

"É a Mirembe. Jack, a Talon está indo atrás da Mirembe".

Tudo o que ela podia ouvir era a respiração de Jack enquanto procurava por uma nova posição, mas nenhuma era ideal. Havia soldados saindo dos arbustos, e dois invadindo uma claraboia no telhado. Mirembe saiu da cozinha e subiu as escadas. Ana se levantou e pendurou o rifle sobre o ombro.

"Há cerca de 20 deles aqui embaixo", Ana ouviu Jack dizer enquanto recarregava. Só havia uma coisa a fazer, mesmo que fosse contra todas as suas regras.

"Jack, estou a caminho. Você os mantém afastados, encontrei uma maneira de entrar na casa. Nos vemos lá dentro!"

Subindo pela varanda do quarto, Ana só pensava na criança que estava lá dentro. O menino que possivelmente era filho de Mirembe. Um soldado da Talon avistou Ana e mirou nela; ela viu o laser antes de ver o soldado. Com o rifle em uma mão, ela mirou diretamente de onde o laser parecia vir, disparou, ouviu um *baque* e quebrou a janela do quarto.

"Então é assim que descubro que você está viva?", perguntou Mirembe assim que Ana entrou no quarto. Os móveis eram elegantes e modernos, mas dispostos estrategicamente para tornar o lugar mais amplo. Ana contou todos os lugares onde Mirembe poderia estar, e provavelmente estava, guardando armas.

"Gostaria que eu continuasse morta?", disse Ana, olhando ao redor em busca do menino. "Ele está seguro?" ela murmurou.

Mirembe assentiu e formou as palavras "quarto do pânico" com a boca. Ela fez um sinal com a mão para Ana, ergueu três dedos e apontou para a porta do banheiro da suíte. Ana ergueu o rifle e olhou para o armário à sua esquerda.

"Entrei", a voz de Jack chiou no ouvido de Ana. Ele estava sem fôlego. "Limpendo o térreo". O som de tiros no andar de baixo indicava que Jack estava ocupado.

"Pronta?", sussurrou Ana. Com isso, ela levantou o rifle e Mirembe se preparou quando três soldados saíram correndo do banheiro em sua direção. *Dois corpos, uma só mente.* Mirembe e Ana se movimentaram rapidamente em busca de abrigo enquanto limpavam o banheiro e avançavam pelo corredor, onde um bando de soldados estava subindo as escadas.

“KWEKU, EU QUERO QUE VOCÊ CONHEÇA AS PESSOAS QUE VIERAM NOS AJUDAR ESTA NOITE”.

O GAROTINHO OLHOU PARA JACK E DEPOIS PARA ANA, PENSOU POR UM MOMENTO E PERGUNTOU: “ESSES SÃO SEUS AMIGOS, OS HERÓIS?”

Concentre-se. Mirembe foi uma das últimas pessoas que Ana viu antes de “morrer” na Polônia. *Três tiros à direita da cadeira no corredor.* Seu marido estava morrendo de câncer, e Ana frequentemente pensava em como estava sua velha amiga, como *todos* seus amigos estavam. A filha do meio de Kimiko havia passado em álgebra? A mãe de Singh ainda fazia aquele maravilhoso bakarkhani crocante?

Mirembe deu um cutucão em Ana e atirou em um soldado que estava perto demais. *Respire.* Elas abriram caminho pelo corredor e estavam correndo pelas escadas quando encontraram Jack apoiado no corrimão.

Ana olhou para Jack e Mirembe, e o zumbido em seus ouvidos parou. Eles observaram o estrago em silêncio. “Acho que é hora de me mudar de novo”, disse Mirembe dando de ombros enquanto subia as escadas. “Volto em um minuto”.

Ela voltou carregando um garotinho embrulhado em um cobertor de dinossauro, usando um visor de holovídeo. Mirembe parecia tranquila ao se aproximar deles, mas Ana podia ver a tensão em seus dedos enquanto ela segurava o menino junto ao corpo. Em suas mãos, ela segurava um medo que Ana conhecia bem. Mirembe colocou o menino no chão e tirou o headset.

“Kweku, eu quero que você conheça as pessoas que vieram nos ajudar esta noite”.

O garotinho olhou para Jack e depois para Ana, pensou por um momento e perguntou: “Esses são seus amigos, os heróis?”

“Por que você precisa ir pra Overwatch, mamãe? Você tá em apuros?” Fareeha caminhava na ponta dos pés ao longo de um muro que tinha a altura de seu corpo de 6 anos, e Ana caminhava ao lado

dela. Sua filha era sempre multitarefa: mastigando e correndo, lendo e cantando, resolvendo contas enquanto praticava suas piruetas, e fazendo perguntas complicadas enquanto fingia ser uma equilibrista. Ana queria amarrar o cabelo de Fareeha, mas não queria atrapalhar a brincadeira.

“Não, eles querem que eu trabalhe para eles”. “Fazendo o quê?”, Fareeha perguntou, pegando na mão da mãe ao cambalear.

Ana segurou a mão dela e não soltou. “Fazendo isso”, ela apertou a mãozinha, “garantindo que você esteja segura”.

“Dos ômnicos?”

Quem dera fosse tão simples assim. Quanto tempo levaria para terminar uma guerra? Que perigos imprevistos isso traria? Mesmo que pudessem acabar com essa guerra, o mundo não seria consertado tão facilmente, e eles eventualmente seriam encarregados de tornar o mundo seguro. Pacificadores, era isso que a Overwatch se tornaria, embora Ana não soubesse disso naquele momento.

“Sim, e isso significa que tenho que ir para longe”.

Fareeha assentiu, e Ana sabia que a seguir viria uma pergunta difícil.

“É perigoso?”

Ninguém mais tinha ousado fazer a pergunta em voz alta. Nem mesmo Sam. Todos sabiam que era, mas ouvir sua filha dizer essas palavras fez Ana hesitar.

“Sim, mas às vezes temos que enfrentar coisas assustadoras”.

Fareeha parou e pulou do muro.

“Então . . . você vai ser uma heroína?”

A palavra heroína surpreendeu Ana. Ela era uma das melhores franco-atiradoras do Egito e uma soldada experiente. Tudo era dever para ela. Ela nunca se sentiu heroica.

As autoridades haviam sido alertadas e estavam a caminho para limpar o local e proteger Mirembe. Kweku dormia em cima da mãe, enquanto Jack os levava para um local mais seguro. Ana colocou seu casaco sobre o menino, mesmo sendo uma noite agradável com uma brisa ocasionalmente quente. Enquanto se acomodavam em um supermercado abandonado a um quarteirão de distância, Mirembe parecia precisar de uma boa noite de descanso e uma xícara de chá.

“Sabe, eu me lembro do dia em que recebi o chamado”, disse Mirembe. “Kweku estava tentando me mostrar algo em um de seus jogos, e eu perdi isso, assistindo à mensagem do Winston”. Ela

“NOS VEREMOS EM BREVE, CERTO?” MIREMBE PROCURAVA ALGO EM ANA. ESPERANÇA, TALVEZ, OU CONFORTO. “VOCÊ NÃO VAI MORRER DE NOVO, VAI?”

“QUEM, NÓS?”, DISSE JACK COM UM SORRISO. “DOIS SOLDADOS VETERANOS? ACHO DIFÍCIL”.

olhou para o céu noturno, com os incêndios espalhados por Zurique ao longe. “É difícil acreditar que a Talon ainda esteja nos perseguindo, mesmo com todo o caos causado pelo Setor Nulo”.

“Parece que nada mudou”, disse Jack, amargurado.

“Talvez”, disse Mirembe. “Mas eu também não mudei tanto. Ainda sinto aquele chamado às vezes. Especialmente agora, para tornar o mundo melhor para o meu filho, para torná-lo seguro”. Ela ajustou seu abraço, acolhendo Kweku. “Eu imagino que seja por isso que a Talon me escolheu como alvo. Se estou sentindo isso, deve haver outros pensando em responder à mensagem do Winston”.

“Você responderia?”, perguntou Ana.

Ela suspirou. “Perder o pai do Kweku . . . deixou as coisas complicadas. O conselho de supervisão tem nos monitorado de forma agressiva desde que o chamado foi emitido. A Kimiko disse o mesmo. A Vivian também, embora . . .”.

Jack limpou a garganta.

“Ouvi dizer que ela estava em Toronto”, disse Ana, ignorando ele.

Mirembe sorriu para eles. “Ver a Vivian lutando em campo novamente me fez pensar se pode haver um futuro para eu voltar para lá. Se, depois de tudo isso, eles vão aliviar essas restrições”. Ela suspirou. “Quem sabe? Talvez todos nós voltemos logo para Gibraltar. Sabe, eu vi a Fareeha nas imagens de Busan. Você deve estar . . .”.

O telefone de Mirembe emitiu um alerta.

Ana deu uma olhada rápida na tela. “Eles estão por perto?”

“A algumas quadras de distância. É só o suficiente para vocês se afastarem. Nos veremos em breve, certo?” Mirembe procurava algo em Ana. Esperança, talvez, ou conforto. “Você não vai morrer de novo, vai?”

“Quem, nós?”, disse Jack com um sorriso. “Dois soldados veteranos? Acho difícil”.

Ana pegou a mão de Mirembe e a apertou suavemente, como forma de despedida. Ela não queria mencionar a missão de Jack e seu informante, era tudo muito complicado. Sendo a hábil agente de inteligência que era, Mirembe preencheu as peças que ela considerou evidentes: Jack e Ana deviam estar de volta à Overwatch. Foi assim que eles souberam que a Talon estava chegando, como souberam impedi-los e salvá-la.

“Diga ao Winston que mandei um oi, e se . . .” Ela parou de falar, mas logo encontrou determinação. “Se ele conseguir nos livrar da influência da ONU . . . acho que ele verá muitos rostos familiares em Gibraltar”.

Ana sorriu. “Faremos uma varredura no perímetro ao sair”.

Ana fechou a porta suavemente atrás de si, mas, ao seguir Jack mais uma vez na escuridão, ela fez uma pausa. Ela conhecia Jack o suficiente para perceber que ele ainda estava escondendo algumas informações. Eles caminharam em silêncio por alguns minutos. Ana não queria pressioná-lo até que eles não pudessem mais ser ouvidos.

“Desembucha, Jack. Tem mais, não é?”

Ana observou enquanto ele decidia internamente se deveria compartilhar o que estava escondendo.

“Faça o favor de não me tratar como uma mercenária tola. Passamos por muita coisa juntos”.

Jack tirou algo do bolso e estendeu a mão: o pen drive com dados.

Isso não é bom.

“Meu informante não me deu apenas um endereço. Este dispositivo fornece ao usuário um acesso seguro aos arquivos ativos de projetos da Talon. Informações de missão, horários e uma lista de nomes . . . Eu não tinha como saber se as informações eram confiáveis, então pedi uma prova. Mirembe era o primeiro nome na lista . . . ela era a prova”.

Jack não olhou para Ana enquanto falava.

“A Talon possui uma lista quase completa das últimas localizações conhecidas dos agentes da Overwatch . . . desde quando infiltraram o Observatório: Gibraltar. Os ataques estão acontecendo há dois anos”.

Ana sentiu um gosto amargo na boca. Ela já tinha ouvido esse rumor antes, até mencionara isso para Cassidy quando o encontrou no Cairo.

“Isso vai me levar a mais informações. Significa que meu informante sabe o que Talon está tramando”.

***“JACK, PERDEMOS MUITO NO PASSADO,
MAS ESSAS PESSOAS . . . EU JUREI PROTEGÊ-LAS”.***

***ELA DEVOLVEU O PEN DRIVE E SUSPIROU.
“ESTAMOS VIVOS, JACK. NÃO SOMOS FANTASMAS.”***

“Você só pode estar brincando”. Ana não tinha certeza se estava ouvindo sua própria voz, ela parecia vir de longe.

Jack parou de caminhar e se virou para olhar para ela. “Ana?”

“Jack, essas pessoas são da *nossa equipe*. Elas estão morrendo, sendo emboscadas, assassinadas, há anos”. Ao ver a expressão no rosto dele, ela continuou. “Quem é o próximo nome na lista? O Winston tem uma nova equipe . . . podemos informá-lo, ele pode ajudar”.

Jack já estava balançando a cabeça. “Assim que você envolver uma operação maior, vai levantar suspeitas. Meu informante . . .”.

“O que teria acontecido esta noite se não estivéssemos aqui? Eles enviaram 38 soldados. Mirembe não teria sobrevivido, seu filho . . .”. Ana sentiu o calor subir do pescoço às bochechas, e parou.

Jack ficou em silêncio.

“Me dê o pen drive”. Ele não discutiu enquanto ela baixava os dados. Os nomes apareceram, e ela sentiu um arrepio ao ver os rostos conhecidos e nomes riscados em vermelho.

“Jack, perdemos muito no passado, mas essas pessoas . . . Eu jurei protegê-las”.

Ela devolveu o pen drive e suspirou. “Estamos vivos, Jack. Não somos *fantasmas*. Por que você ainda está lutando contra o passado?”

A expressão em seus olhos estava distante, mas ele se virou para ela por um momento, encontrando seu olhar. Quando ele falou, foi quase um sussurro. “Você sempre quis fazer do mundo um lugar melhor. Por Sam, por Fareeha. Você se esforçou ao máximo por eles. Quanto a mim”, ele fez uma pausa, perdido em pensamentos, “o passado é tudo o que me resta”.

“Por favor, tenha cuidado, Jack”. Havia muita coisa não dita naquele apelo, mas Ana confiou que ele entenderia o que ela estava tentando dizer.

“Deixe-me cuidar das pessoas que amo do meu jeito. Eu não vou descansar até encontrar quem fez essa lista . . . e quem desejou o fim da Overwatch”.

Ana sentiu a tristeza aumentando dentro dela. Mesmo quando se separavam em missões difíceis, ela sempre soube que o veria novamente. Desta vez, ela tinha menos certeza, e ele também sabia disso. Estavam lutando guerras diferentes.

“Cuide-se, por favor”.

Jack apenas assentiu.

Ana o observou desaparecer na escuridão da noite.

“Adeus, meu velho amigo”. Ana percebeu que estava errada quando disse a Fareeha que havia salvado o mundo por ela. A verdade era que o mundo sempre precisaria ser salvo. Essa era a maior ilusão da Overwatch: que a paz era alcançável. Na realidade, sempre haveria aqueles que ameaçam a estabilidade, que buscam tirar vantagem das pessoas boas.

Fareeha já tinha percebido isso quando criança. Agora, ela era a heroína a quem os outros olhavam, a quem *Ana* olhava. Desprovida de esperança como acreditava estar, ali, de pé na escuridão, com o horizonte em chamas, Ana se sentiu mais próxima de sua filha. Isso era algo que compartilhavam: uma missão de paz, de salvar aqueles que amavam. E se Ana não pudesse fazê-lo do seu lado, ela o faria de longe, onde quer que fosse chamada. Ela encontraria as pessoas naquela lista e as protegeria. Era, pelo menos, um erro que ela podia corrigir no mundo que se esvaía.